



**Universidade Estadual da Paraíba  
Pró-reitoria de Graduação  
Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas  
Curso de Arquivologia**

**DANIELLE DE ARAÚJO FORMIGA**

**“Do sempre seu: Gilberto Freyre” – Dimensões  
memoralísticas das cartas trocadas entre Gilberto  
Freyre e José Lins do Rego**

**João Pessoa – PB  
2011**

**DANIELLE DE ARAÚJO FORMIGA**

**“Do sempre seu: Gilberto Freyre” – Dimensões  
memoralísticas das cartas trocadas entre Gilberto  
Freyre e José Lins do Rego**

Monografia apresentada no curso de  
Arquivologia, da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de bacharela.

**Orientador : PROF. DR. VANCARDER BRITO SOUSA**

**João Pessoa – PB,  
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL CAMPUS V – UEPB

F725d

Formiga, Danielle de Araujo.

“Do sempre seu: Gilberto Freyre” – Dimensões memorialísticas das cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego / Danielle de Araujo Formiga. – 2011.

53f. : il. color

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, Curso de Arquivologia, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa, Curso de Arquivologia”.

1. Arquivos pessoais. 2. Memória. 3. Cartas. I. Título.

21. ed. CDD 025.1

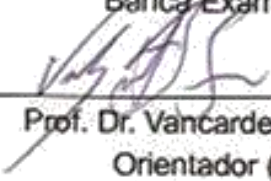
**DANIELLE DE ARAÚJO FORMIGA**


**“Do sempre seu: Gilberto Freyre” – Dimensões memorialísticas das cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego**

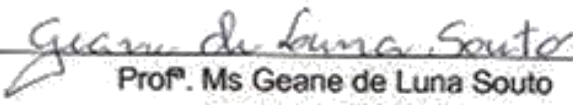
**MONOGRAFIA** apresentada ao Curso de bacharelado em Arquivologia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências institucionais para a obtenção do grau de Bacharel em Arquivologia.

Aprovada em: 02 / 12 / 2011

Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Vancarder Brito Sousa  
Orientador (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Adriano Azevedo Gomes de León  
MEMBRO (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Ms Geane de Luna Souto  
MEMBRO (UEPB)

“A gente não deve permitir que as cartas se tornem obsoletas,  
mesmo que, talvez, já tenham se tornado.”  
(Caio Fernando Abreu)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus e a Virgem Maria, por terem me iluminado e ter me dado forças em todos os momentos dessa caminhada. A minha avó Neves por ter me apresentado, mesmo que indiretamente, o curso de Arquivologia. Não fosse por ela não estaria nesse caminho. A minha avó Josefa pelas orações e pelo carinho sempre tão presente.

Aos meus pais, os melhores que poderia ter, sempre apoiando minhas escolhas e me incentivando a galgar novos horizontes.

Aos meus mestres, pelo apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram a executar esse trabalho com segurança, especialmente a professora Esmeralda Porfírio, Josemar Henrique e ao professor Henrique França. Ao professor Dr. Washington Medeiros, que sempre esteve disposto a solucionar minhas dúvidas, me incentivando a continuar no caminho que desejo. A professora Ms. Maria José Cordeiro Lima por ter me apresentado o tema “memória” e por ter alimentado meu desejo de estudar essa linha através da monitoria.

Meus sinceros agradecimentos ao professor Adriano de Léon e a professora Geane Luna, membros integrantes da banca examinadora, por aceitaram o convite e contribuírem com sugestões e observações enriquecendo o trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Vancarder Brito pelos ensinamentos, cujos temas foram de fundamental importância para elaboração desse trabalho. Sua confiança e sua orientação foram capazes de me fazer seguir por um caminho de crescimento acadêmico que julgava impossível em tão pouco tempo. Toda minha admiração por seu brilhantismo e sua capacidade de ministrar isso para seus alunos.

E finalmente aos meus colegas de sala que contribuem diariamente com meu crescimento através de questionamentos e discussões. Meus sinceros agradecimentos, de forma especial, a Philippe Cavalcanti, Leandro Ferreira, Natan Dias, Josefa Dionísio e Valéria Diniz.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo principal compreender os sentidos de memória e reciprocidade contidos nos arquivos compostos por cartas escritas por Gilberto Freyre e intercambiadas com José Lins do Rêgo. O trabalho fundou-se na perspectiva de que os documentos de arquivos estabelecem uma ligação entre o passado e o presente. Nos documentos de arquivo pessoal a preservação da memória do autor em tela servirá como reconstrução do meio biográfico, bem como, de definição de aspectos da sociabilidade à qual o mesmo estava inserido, delineando aspectos relevantes do estabelecimento de sua rede social. Partindo destes pressupostos, o estudo pretendeu compreender a perspectiva da memória a partir da análise do conteúdo informacional existente nas cartas trocadas entre os dois escritores. Visando esclarecer o aspecto cultural e informacional presente nas cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo, optou-se por uma pesquisa de campo do tipo qualitativa e exploratória. A coleta de informações para definição do *corpus* de análise deu-se através da reunião de 116 missivas, sua leitura, seleção, descrição, e finalmente, ordenamento das mais pertinentes frente aos objetivos definidos anteriormente. Deste processo de seleção foram definidos tópicos mais significativos, os quais foram postos a dialogar com os conceitos de memória e reciprocidade, tecendo uma nova possibilidade de leitura da relação entre os missivistas. Como resultado final da análise, percebeu-se que ao organizar as experiências humanas, a memória pode ser compreendida como um elemento fundamental à constituição, armazenamento e disseminação do conhecimento produzido em diferentes tempos e espaços, caracterizando-se assim um aspecto fundamental dos estudos arquivísticos.

**Palavras chaves:** cartas, memória, reciprocidade

## ABSTRACT

This study had as its main objective to understand the meanings of memory and reciprocity contained in the archives composed by letters written by Gilberto Freyre and exchanged with José Lins do Rêgo. The study was based on the perspective that the archive documents establish a connection between the past and the present. In the personal archive documents, the preservation of the author's memory on canvas will serve as a reconstruction of the biographical medium, as well as a definition of aspects of sociability where it was inserted, outlining relevant aspects of the establishment of its social network. Starting from these presuppositions, the study had the intention to understand the perspective of memory from the analysis of the informational contents existing in the letters exchanged between the two writers. Aiming to clarify the cultural and informational aspects present in the letters exchanged between Gilberto Freyre and José Lins do Rêgo, we chose the field research of the qualitative and exploratory types. The gathering of information for the definition of the analysis *corpus* was done through the collection of 116 letters, followed by reading, selection, description and finally ordering of the most relevant ones considering the objectives previously defined. With this selection process, the most significant topics were defined and set to establish a dialogue with the concepts of memory and reciprocity, weaving a new possibility of reading the relationship between the writers. As a final result of the analysis, we perceived that by organizing human experiences, memory may be understood as a fundamental element to the constitution, storage and dissemination of the knowledge produced in different periods and spaces, characterizing a fundamental aspect of archive-related studies.

**Keywords:** letters, memory, reciprocity



## Sumário

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	10
2.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	10
2.2	PROBLEMATIZAÇÃO .....	12
<b>2.3</b>	<b>OBJETIVOS</b> .....	14
2.3.1	Objetivo Geral .....	14
2.3.2	Objetivos Específicos .....	14
<b>2.4</b>	<b>UNIVERSO E AMOSTRAGEM</b> .....	15
<b>2.5</b>	<b>CAMPO EMPÍRICO</b> .....	16
<b>2.6</b>	<b>INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS</b> .....	19
<b>3</b>	<b>AS CARTAS COMO ÍNDICES ENTRE A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA</b> .....	19
3.1	MEMÓRIA E CONSTRUÇÕES AFETIVAS .....	19
3.2	CARTAS COMO DOCUMENTOS DE ARQUIVO.....	22
3.3	CARTAS COMO LUGARES DE MEMÓRIA.....	24
<b>4</b>	<b>PRINCÍPIO DA RECIPROCIDADE</b> .....	26
4.1	TEORIA DE MARCEL MAUSS.....	26
4.2	A INTENÇÃO EM SE INTERCAMBIAR CARTAS .....	27
<b>5</b>	<b>ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL NOS ACERVOS</b> .....	28
5.1	NA FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE .....	28
5.2	NO MUSEU JOSÉ LINS DO RÊGO .....	29
<b>6</b>	<b>ASPECTOS DE UMA AMIZADE: AS OBRAS LITERÁRIAS E A AFETIVIDADE NO TEXTO EPISTOLAR</b> .....	30
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39

<b>REFERÊNCIAS</b> .....	42
<b>ANEXOS</b> .....	46
Anexo A: Linha do Tempo .....	46
Anexo B: Fotografias.....	49
Anexo C: Cartas .....	51

## 1 INTRODUÇÃO

Os documentos de arquivos constituem um elo entre o passado e o presente, garantindo assim um legado para as gerações que estão por vir. Quando tratados como documentos de arquivo pessoal, essa assertiva transpassa o campo da guarda e adentra ao sentido de preservação da memória do autor, pois toda a informação ali contida servirá como reconstrução do meio biográfico, bem como definição de indícios de sua trama de sociabilidade, delineando elementos significativos da rede social de seu titular. O suporte da escrita epistolar nos auxiliará na construção deste percurso, sobretudo, pelo destaque das relações de afetividade ali representadas.

As missivas são um dos meios mais remotos de troca de ideias, informações e sentimentos, refletindo assim o verdadeiro estado de espírito de seu emissor, manifestando aspectos que podem esquivar-se às considerações objetivas, por tratar-se de referências sutis de sua subjetividade.

A teia da correspondência de um intelectual permite vislumbrar a tessitura de sua rede pessoal e profissional e, através dela, pode-se caracterizar suas práticas de intercâmbio de idéias, de troca de livros e de divulgação de suas opiniões. Esboça-se assim, através da escrita epistolar parte de sua rede de sociabilidade, permitindo a (re) inserção de suas idéias em ambiente social e cultural. (VENÂNCIO, 2003, p.114)

Gilberto Freyre e José Lins do Rego se corresponderam através das missivas por vários anos, devido a impossibilidade natural e circunstancial de ambos não estarem físico e geograficamente próximos um do outro. Durante esse período as cartas materializaram os investimentos sentimentais e os registros de vida dos referidos amigos. Vislumbrando as suas possibilidades de sentido, as cartas possibilitam uma relação dialógica, onde o destinatário ingressa na alocação epistolar do remetente através de uma interlocução entre os dois, assim como afirma Bakhtin: “É próprio da carta uma sensação do interlocutor, do destinatário a quem ela visa. Como a réplica do diálogo, a carta se destina a um ser determinado, leva em conta as suas possíveis reações, sua possível resposta.” (BAKHTIN, 1990, p.36).

As trocas epistolares entre Freyre e José Lins deram-se a partir de 1924, quando o “menino de engenho” sai do Recife onde estabelecia uma convivência

diária com Freyre e vem para capital paraibana. Foram catalogadas 116 missivas no período de 1924 a 1956, distribuídas entre as décadas de 20, 30 e 40, existindo também um cartão postal na década de 50, todos conservados no Museu José Lins do Rego. As cartas trabalhadas foram entregues pela família do “menino de engenho” para serem guardados, pela Fundação Espaço Cultural da Paraíba, no Museu José Lins do Rêgo.

Desta forma, a partir da base teórica conceitual escolhida como suporte desta análise, procedemos a uma aproximação compreensiva da perspectiva da memória a partir da análise do conteúdo informacional existente nas cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo. Este percurso teve como ponto de partida a hipótese de que a memória registrada nas cartas entre os autores demarca traços de suas identidades e afetividade, contextualizada pelos acontecimentos histórico-sociais e culturais da época.

A ideia para concepção da pesquisa originou-se a partir de uma visita a Fundação Gilberto Freyre e o contato com os objetos pessoais do autor, mais especificamente as cartas. Nesse momento ficou claro o *insight* de que as mesmas estabeleceriam um elemento fundamental em relação à constituição da memória, revelando um dado de uma sociabilidade associada a afetos e emoções que ligam os autores. Na medida em que os missivistas trocam cartas, as fronteiras de espaço se dissolvem e o remetente materializa-se na lembrança do leitor.

Diante disso, o arquivista deve estar sempre atento à organização e ao trâmite da documentação do acervo. Deve-se lembrar do sigilo diante da intimidade que estão presente nos documentos, pois podem comprometer a imagem das pessoas que os envolvem. Para o pesquisador, as cartas são provas de uma vida e de um período, configurando assim, a memória de um tempo, bem como a memória da amizade e do afeto que circundam os missivistas. Durante a organização do acervo, o arquivista deverá dispor a documentação existente visando auxiliar o usuário a uma boa compreensão do seu objeto de estudo.

Levando em consideração que os autores estudados são pessoas públicas e que deixaram um importante legado para a sociedade, podemos compreender o trabalho como um olhar do cotidiano e das relações de sociabilidade que circundavam o momento de construção das obras e de períodos que os amigos dividem.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa de campo caracterizou-se pela coleta de dados e sua posterior análise e interpretação. Esta baseou-se em uma fundamentação teórica condizente com os objetivos propostos, visando compreender e explicar a questão básica da pesquisa. Dessa forma, por sua configuração, a pesquisa de campo deu-se á partir da “coleta de dados primários, ou seja, aqueles obtidos diretamente na fonte, independente se a abordagem é qualitativa ou quantitativa” (MARQUES *et.al*, 2006, p. 56).

Tendo em vista a obtenção de dados objetivando os aspectos referentes ao fenômeno pesquisado, qual seja, o aspecto cultural e informacional das cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo, optou-se por uma pesquisa de campo do tipo qualitativa. Esse modelo de tratamento busca valorizar os aspectos qualitativos dos fenômenos, abrigando diferentes correntes, cujos pressupostos são contrários à abordagem quantitativa, em que a análise é feita seguindo dados estatísticos. Como afirma Haguette (1995, p. 63):

Os qualitativistas afirmam seja a superioridade do método que fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos único.

Com base nisso, a pesquisa desenvolveu-se qualitativamente enfocando os aspectos relativos ao conteúdo das cartas, preocupando-se com a compreensão dos fenômenos memorialísticos que envolvem os autores.

A pesquisa definiu-se a partir de uma dimensão “exploratória” que, de acordo com Andrade (2007, p. 114),

Tem por finalidade proporcionar maiores informações sobre determinado assunto: facilitar a delimitação de um tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente.

A análise das cartas deu-se sob a perspectiva do aprofundamento nos limites de uma realidade específica, ou seja, a memória existente nestas, buscando seus antecedentes e principais pressupostos para sua descrição e análise.

Como eixo de desenvolvimento da pesquisa descritiva enfocamos à análise das relações entre os autores estudados, observando as características pessoais que os envolvem, tais como, suas leituras, seus cotidianos e as relações interpessoais que engendraram. De acordo com Danton (2002, p.10), “a pesquisa descritiva procura observar, registrar, analisar, classificar e interpretar os fatos ou fenômenos (variáveis), sem que o pesquisador interfira neles ou os manipule.” Neste momento, e ainda de acordo com Danton (2002), proceder-se-á a identificação e qualificação dos conteúdos centrais encontrados nas cartas.

A respeito de pesquisas com bases documentais, Laville e Dionne (1999, p. 166) discorrem que o termo documento “designa toda fonte de informações já existente”. Desse modo, a coleta de informações deu-se através da reunião dos documentos, sua descrição, a possível transcrição dos conteúdos e, finalmente, a ordenação daquelas mais pertinentes. Na definição de Marconi e Lakatos (1990, p. 57), “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias.” Dessa maneira, a pesquisa teve como corpus de análise as cartas pessoais e o seu conteúdo informacional. Foram selecionadas algumas missivas (cartas) a partir de uma leitura e seleção prévia, a partir das quais, critérios de relevância foram adotados segundo as temáticas e abordagens por elas apresentadas.

É preciso ressaltar que todas as solicitações documentais foram feitas formal e pessoalmente por meio de requerimento impresso e assinado pelas partes envolvidas na pesquisa, ou seja, o orientador, a orientanda e os gestores das instituições. Tais requerimentos continham dados básicos da pesquisa, como o título, os objetivos do estudo e a garantia do uso exclusivo de qualquer informação obtida para fins desta pesquisa.

A pesquisa fundamentou-se na proposta metodológica da análise de conteúdo. A mesma se propõe à interpretação dos dados coletados durante as visitas nas instituições. Para Bardin (1972, p. 42), a análise do conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

A análise de conteúdo procura desarrumar a estrutura e os elementos do conteúdo com o intuito de esclarecer as diferentes vertentes do material, bem como sua interpretação. Como afirma Laville e Dionne (1999, p. 214) a análise de conteúdo permite abordar uma grande diversidade de objetos de investigação, como seus valores, representações, ideologias e etc. Partindo desse pressuposto, o pesquisador pode alocar suas ideias e estruturar os elementos que julga necessário para sua pesquisa.

Ainda de acordo com Bardin (1979) e Minayo (2000), estes processos envolvem três etapas:

- a)** A pré-análise: fase de organização e sistematização das ideias, em que ocorre a escolha dos documentos a serem analisados, a retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa em relação ao material coletado, e a elaboração de indicadores que orientarão a interpretação final;
- b)** A exploração do material: trata-se da fase em que os dados brutos do material são codificados para se alcançar o núcleo de compreensão do texto. A codificação envolve procedimentos de recorte, contagem, classificação, desconto ou enumeração em função de regras previamente formuladas, e finalmente;
- c)** Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: nessa fase, os dados brutos são submetidos a operações estatísticas, com o objetivo de se tornarem expressivos e válidos evidenciando as informações que foram coletadas. Os resultados, atrelados ao confronto sistemático com o material e às inferências adquiridas, podem servir a outras análises fundamentadas em novas dimensões teóricas ou em técnicas díspares.

## 2.2 PROBLEMATIZAÇÃO

Pierre Nora (1993, p. 13), ao criar o termo “lugares de memória”, discorre sobre a probabilidade de acharmos uma saída para a problemática da perda de identidade dos grupos sociais. Nesse contexto, os arquivos, as bibliotecas, os museus e os centros de documentação são configurados como lugares de memória institucionais e validados para a sua preservação. A memória, sendo uma reconstrução do passado a partir do presente, permite que evoquemos fatos e

lembranças sobrepostas a partir do aspecto social das narrativas, sejam orais ou escritas.

Quando trabalhamos com correspondência pessoal, principalmente de escritores, deparamo-nos com um ambiente que define a sociabilidade em que estão imersos, permitindo reconstruirmos as redes de relações sociais, históricas e culturais vivenciados por seus titulares. Mais especificamente, ao tratar as missivas, adentramos em um ambiente mais restrito, pois muitas vezes revelam um estado de espírito dos seus emissores, bem como relatos da sua vida particular que são expressas em forma de confidências e de desabafo.

As conversas epistolares (diálogos através das cartas) faziam parte de uma cultura que usava o suporte de papel como forma de manutenção de vínculos afetivos e profissionais. Na modernidade, as correspondências são fontes fecundas para problematizarmos as relações cada vez mais intimistas e para assinalarmos a fragilidade da pessoa moderna, onde a confiança, respeito e cumplicidade estão cada vez mais difíceis de encontrar no outro.

Atualmente as relações afetivas parecem estar cada vez mais flexíveis, existindo assim uma fragilidade nas relações humanas. Bauman (2004) afirma que o processo de liquefação dos laços sociais não é uma irregularidade na história da civilização ocidental, mas uma ideia presente na instauração da modernidade. Diferentemente do que acontecia nos anos 30, 40 e 50 com nossos missivistas, hoje as pessoas dão mais importância a relacionamentos virtuais, sejam eles através de mensagens de celular, e-mails e *scrapbooks* através de uma escrita curta e sem muita emotividade, podendo essas relações se desmanchar a qualquer momento facilmente. A atitude de partilha, de cumplicidade que a amizade infunde provém do gesto de solidariedade, como consideração pela conjuntura da vida do amigo. Essa atitude estabelece uma relação com o exercício político de comprometimento com a dignidade do outro.

Uma carta permite ao leitor aproximações sobre o ser e o viver dos missivistas, muitas vezes os assuntos se iniciam em uma missiva e se estendem por outras. A partir da leitura das cartas, as peças de um quebra cabeça são montadas e se delineia um panorama sobre as pessoas envolvidas, sendo tomadas pelo viés da memória, que são “lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais” (MEIHY, 2005, p. 63).



Além disso, as questões gramaticais na escrita das missivas e suas peculiaridades permitem adquirir momentos, processos de maturidade pessoal, desprendimentos de si e desabaços que são realizados nos espaços de escrita epistolar e de amizade.

Com base nessa constatação, este trabalho visou a leitura das cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego a fim de resgatar os aspectos sociais, afetivos e literários a partir da análise dos temas presentes nas correspondências.

Nesse sentido, este trabalho partiu da seguinte questão de pesquisa: Como se constitui a memória a partir da análise do conteúdo informacional existente nas cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo?

## 2.3 OBJETIVOS

### 2.3.1 Objetivo Geral

- Compreender a perspectiva da memória a partir da análise do conteúdo informacional existente nas cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo

### 2.3.2 Objetivos Específicos

- Descrever as narrativas (conteúdos informacionais) sob o princípio da reciprocidade entre os autores (de 1924 a 1942);
- Relacionar as cartas como “lugares de memória” dentro do contexto informacional em que estão inseridas;
- Identificar como as missivas encontram-se organizadas nos acervos, enfatizando a preocupação documental;
- Compreender os conteúdos informacionais referentes a produção literária dos autores a partir das cartas.

## 2.4 UNIVERSO E AMOSTRAGEM

Segundo Silva e Menezes (2001, p. 32), universo “é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”. Partindo dessa premissa, esta pesquisa teve como *locus* de busca o Museu José Lins do Rêgo, em João Pessoa–PB, que comporta mais de cinco mil volumes, catalogados e informatizados, do acervo bibliográfico do escritor, incluindo documentos, cartas e manuscritos de obras. Optamos também pela pesquisa na Fundação Gilberto Freyre–PE, haja vista esta ser possuidora de uma vasta documentação sobre o escritor, sendo registrados cerca de 40.000 volumes na biblioteca pessoal, além de possuir as cartas que José Lins escrevia para Freyre.

Frente à documentação presente nesses dois núcleos informacionais, resolvemos fazer um recorte e estudar as cartas, que se constituíram como amostra. Esta pesquisa tomou a ideia de que amostra é a “parte da população ou do universo, selecionada de acordo com uma regra ou plano” (SILVA; MENEZES, 2001, p.32).

Para a análise separamos um lote determinado de 1924 a 1956. Somente no Museu José Lins do Rêgo foram catalogadas 116 missivas no período de 1924 a 1956 e na Fundação Gilberto Freyre, as cartas expedidas por Lins estão entre o período de 1924 a 1942. Selecionamos as missivas que encontram aspectos da amizade de ambos, ou seja, os trechos que apresentam dimensões memorialísticas.

Nosso trabalho faz menção a todas as missivas que têm seu registro conhecido, pois não podemos assegurar que estas façam parte de todas as missivas enviadas por Freyre a Lins, daí porque o produto de nosso trabalho possui um caráter necessariamente parcial, levando em consideração a probabilidade da existência de eventuais cartas de Freyre a Lins que não tenham sido catalogadas no Museu José Lins do Rego e que não temos conhecimento.

Vale salientar também que existem cartas de Lins para Freyre que completam as correspondências entre os autores, e que estão catalogadas na Fundação Gilberto Freyre, Recife-PE. Essa pesquisa apresenta apenas parte dessas missivas, o que nos obrigou a uma restrição ao analisarmos essa documentação. Contudo, mesmo não estudando sistematicamente com a outra parte dessas cartas, recorreremos a fragmentos de missivas, através do acesso aos originais, ou fazendo

uso das cartas de José Lins, publicados por Gilberto Freyre em suas obras *Vida, forma e cor*<sup>1</sup> e *Alhos e bugalhos*<sup>2</sup>.

## 2.5 CAMPO EMPÍRICO

O estudo dar-se-á no Museu José Lins do Rêgo, que está inserido na Fundação Espaço Cultural, pertencente ao Governo do estado da Paraíba e vinculado a Secretaria de Cultura, está localizado na Rua Abdias Gomes Almeida, número 800, João Pessoa. O museu José Lins do Rego foi inaugurado em 19 de Março de 1985 e tem como Diretora responsável Maria Arminda M. Guimarães. A instituição recebe escolas e o público em geral, com visitas guiadas e apresentação de filmes. Fornece apoio e acompanhamento à pesquisa sobre a obra de José Lins do Rego e realiza exposições temporárias, conforme calendário cultural. Seu horário de visitação é de Segunda a sexta, das 8 às 18h, e aos sábados e domingos, das 14 às 19h e podem ser agendadas pelo telefone (83) 3211-6270. O sítio do museu é: <<http://www.funesc.com.br/museujoselinsdorego>>.

**FOTO 1:** Museu José Lins do Rêgo



**FONTE:** <http://funesc.com.br/cultura>

O Museu José Lins do Rêgo reúne mais de cinco mil volumes, catalogados e informatizados, do acervo bibliográfico do escritor, sendo composto por livros,

<sup>1</sup> FREYRE, Gilberto. *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Alhos e bugalhos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

documentos, cartas, manuscritos de obras que culminaram em livros e histórias, conservadas na biblioteca particular do escritor e que estão reunidas no museu para consulta dos usuários.

A pesquisa compreendeu também as cartas remetidas por José Lins a Gilberto Freyre, que estão reunidas na Fundação Gilberto Freyre, esta composta pela Casa-Museu Magdalena e Gilberto Freyre, Sítio Ecológico e Museu Vivo, localizada na Rua Dois Irmãos, 320, Apipucos, Recife. A Fundação foi inaugurada no dia 11 de Março de 1987 pelo escritor e pela sua família, com o intuito de reunir o seu patrimônio cultural, seus bens e todo seu acervo, bem como estimular a continuidade dos seus estudos e de suas ideias. O acervo recebe visitação de segunda a sexta, das 9 às 17h (sendo a última entrada dos grupos às 16h30), porém devem ser agendadas previamente pelo telefone (81) 3441.1733 ou através do e-mail: <visitas@fgf.org.br>.

**FOTO 2:** Fachada da Fundação Gilberto Freyre



**Autor:** Danielle Formiga

Segundo seu sítio eletrônico a Fundação Gilberto Freyre é composta por centros de documentação, núcleos de ação e Espaço Cultural. O centro de documentação é composto pelas séries abaixo descritas.

Série de Produção documental: Formada pelo legado intelectual de Gilberto Freyre, a partir de 1918. Reúne os documentos originais (manuscritos ou

datilografados) e as publicações dos livros, dos opúsculos, dos artigos para jornais e revistas, conferências, discursos, prefácios e poesias. Inclui também as anotações de pesquisas utilizadas por Gilberto Freyre para produção de suas obras;

Série correspondência: Representa o maior volume de documentação do Arquivo Documental. Reúne a correspondência trocada entre o escritor Gilberto Freyre e diversas personalidades da área política, cultural e social do Brasil e do exterior. É formada por cartas, telegramas, cartões-postais e cartões pessoais, e está subdividida em Correspondentes Brasileiros, Correspondentes Portugueses e Correspondentes Estrangeiros;

Série manuscritos: Formada por documentos do século XVIII, XIX e XX provenientes, em sua maioria, dos espólios de famílias do nordeste e sudeste brasileiro. Faz parte dessa coleção livros de assentos, livros de receitas, livros comerciais, livros de despesas domésticas, notas de compras, correspondências, registros de cartórios, entre outros;

Série documentos pessoais: Reúne carteiras de identificação, passaportes, certidões (de batismo, casamento e óbito), diplomas, títulos, recibos, notas fiscais, atestados médicos, diários de despesas, e outros documentos que dizem respeito à vida pessoal de Gilberto Freyre;

Série iconográfica: Reúne o acervo de fotografias, slides, cartões-postais, estampas, desenhos, caricaturas, litogravuras, entre outros, que retratam a vida e a época de Gilberto Freyre, sua família, seus amigos, suas viagens, seu ambiente profissional, político, social. Incluem-se ainda nessa série o acervo iconográfico coletado e utilizado pelo autor como fonte de pesquisa;

Série audiovisual: Formada por fitas k-7, fitas de rolos, fitas VHS, betacam, CD, CD-ROM, que em sua maioria registram entrevistas e depoimentos de Gilberto Freyre para imprensa nacional e estrangeira. Nessa série incluem-se também os filmes e documentários produzidos a partir da interpretação da obra freyriana;

Série miscelânea: Formada por documentos acumulados por Gilberto Freyre e que não se encaixam nas demais séries: trabalhos de terceiros, boletins eleitorais, material de propaganda, cardápios de banquetes oferecidos a Gilberto Freyre, lembranças de viagens, entre outros documentos;

Série documentação complementar: Reúne os documentos acumulados pelos familiares de Gilberto Freyre: cartas, cartões, telegramas com mensagens de condolências pelo falecimento do titular, homenagens póstumas, entre outros.

A fundação tem como Presidente a senhora Sonia Maria Freyre Pimentel e como Vice-presidente a senhora Maria Cristina Suassuna de Mello Freyre. O *site* para consulta é: <<http://www.fgf.org.br/>> e a instituição promove concursos, palestras e pesquisas frequentemente com o intuito de propagar as obras do escritor.

## 2.6 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Procedemos com a primeira fase: a pré-análise, tendo sido esta composta pela seleção das missivas que constituíram o estudo, mantendo uma conexão com as ideias que foram desenvolvidas durante o trabalho. Tal seleção deu-se a partir do período compreendido entre 1924 e 1942. Mediante a organização, o material foi disposto cronologicamente e de acordo com os assuntos que os missivistas abordam. O último passo referiu-se ao tratamento documental, bem como sua interpretação, atrelado a pressupostos teóricos que foram se associando no decorrer do trabalho. Nesta composição o princípio da reciprocidade fora destacado, bem como, suas conexões com a memória e o processo de organização documental no acervo. É importante ressaltar que durante a transcrição das cartas, optamos por manter a escrita original da época, por conter elementos ortográficos e gramaticais que eram utilizados naquele período.

## 3 AS CARTAS COMO ÍNDICES ENTRE A MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA

### 3.1 MEMÓRIA E CONSTRUÇÕES AFETIVAS

O interesse pela memória pode nos transportar, assim como em outros campos do saber ocidental, à Grécia. A memória era uma das divindades da mitologia sendo representada pela deusa *Mnemosyne*, abrangendo as formas do tempo e do eu. Posteriormente, no Renascimento, a memória passa a ser vista como uma maneira de se compreender as estruturas que regiam o mundo.

A partir do século XVII, a maneira como os homens tratavam a memória sofreu várias transformações, passando a ser entendida como o elo que conecta o passado ao futuro. Segundo Jardim (2008), a palavra memória provém do grego que diz, mais imediatamente, ação de lembrar. Pode-se entender memória como instância de inventar, meditar, refletir, e velar, (no sentido de cuidar) a unidade.

Portanto, as experiências estão inseridas nas lembranças que aparecem quando evocadas por meio das imagens, que possibilitam uma reprodução possível do que se viveu. Como afirma Volpe (2005), o passado torna-se morada intermitente que a memória converte em arquivo a ser agora resgatado.

Compreendemos a memória como uma sequência correlacionada de dados que evocam um passado que possui como referência o reconhecimento dos patrimônios culturais, em sua tentativa de recuperação, nos deparamos com suas múltiplas facetas. Haja vista que essa é uma temática utilizada em várias áreas do saber.

Segundo Le Goff (1990) a memória pode ser compreendida como a propriedade de conservar certas informações remetendo a um conjunto de funções psíquicas, em que o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Essa compreensão da memória permite a imortalização das lembranças através das imagens que, por estarem registradas, podem ser lembradas e evocadas para a atualidade promovendo uma articulação entre o pretérito e o presente em consonância com as experiências dos partícipes.

Optamos por fazer um recorte onde a memória é pensada como uma forma de compreensão da relação humana com o tempo, tendo um “status” sócio-psíquico que, ao enquadrar as lembranças, as rotinas e os padrões de vivência, doam sentido às ações e aos relatos das experiências vividas pelos autores, retratada nas missivas. Nesses termos, a memória é parte inerente do movimento de autocompreensão, unindo os processos sociais à subjetividade.

Ao organizar as experiências humanas, a memória pode ser entendida como um elemento fundamental à constituição, armazenamento e disseminação do conhecimento produzido em diferentes tempos e espaços. No plano simbólico, identificado como o lugar em que os significados vão se compondo e qualificando os objetos e a realidade, a memória reúne sentimentos e valores que nos permitem refletir a importância das emoções nas trajetórias dos indivíduos e da coletividade, exercendo um papel vital nas experiências humanas, em uma conjuntura marcada pela presença de conflitos, disputas e negociações.

Maurice Halbwachs abordou a memória sociologicamente, e sob diferentes ângulos, visando o estudo da vida cotidiana, alocando a questão da lembrança nos contextos sociais. Além de estabelecer essa visão, o autor expõe uma questão relevante quando incorpora a categoria de memória à teoria social e institui o

conceito “quadros de memória”, referindo-se às relações interpessoais que vão confeccionando “fios tênues e entrecruzados” com diversos significados, e que determinam o que deve ser lembrado e esquecido. Observamos que há uma relação de interdependência entre o indivíduo e o grupo social em que está inserido. Ainda segundo Halbwachs (2004, p. 44),

Dois seres podem se sentir estreitamente ligados um ao outro e ter em comum todos os seus pensamentos. Se, em certos momentos, sua vida transcorre em meios diferentes, ainda que eles possam através das cartas, descrições, através de suas narrações quando se aproximam, fazer conhecer em detalhes as circunstâncias em que se encontravam quando não estavam em contato; seria necessário que se identificassem um ao outro para que tudo o que, de suas experiências, era estranho um ao outro, se achasse assimilado em seu pensamento comum.

Sendo assim, durante a leitura de uma das cartas enviadas por Freyre observamos o quanto o autor é afetuoso com o amigo, como na primeira carta que escreve para Lins, datada em 17 de Janeiro de 1924, onde registra: “Tenho às vezes muitas saudades de você. Há horas em que estou só e o apito do trem do outro lado do morro me faz pensar muito em você.” Nesse relato, observamos que, apesar de estarem distante fisicamente, estabelecem um vínculo de afeto e carinho que transpassa esse distanciamento físico.

Ainda associada a esse fator, encontramos missivas que relatam contextos do começo da amizade de ambos, e tal singularidade só é compreendida quando associamos os dois lados, ou seja, um pensamento comum: o emissor e o receptor, situação essa encontrada na carta de 14 de Junho de 1924, onde o autor de “Casa Grande & Senzala” pede desculpas ao “menino de engenho” pelo longo silêncio, e discorre sobre o momento que se conheceram e os difíceis meses de readaptação (quando voltou da Europa para o Brasil).

Percebemos que esse árduo período vivido por Gilberto Freyre não é explicado nas cartas, ou seja, é uma lembrança que só os autores comungaram, e que se não partilhada por outras pessoas, se perde no tempo, uma vez que os autores já não existem fisicamente entre nós. Mais forte que isso, essa memória se fragmenta quando um elo dessa corrente se desfaz, ou seja, segundo Halbwachs (1990) se uma pessoa morre, a memória fica fragmentada, incompleta, já que irá precisar do outro eixo que a completa.



Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade nunca estamos só. (HALBWACHS, 1990, p. 26)

Para corroborar com a assertiva de Halbwachs, de comprovar a importância das estruturas coletivas nas formas individuais do lembrar, Myrian Sepúlveda dos Santos afirma que a memória está presente em tudo, e não reside apenas nas pessoas, ou nessas formas coletivas de guarda, ela escapa essas definições restritivas e entra em um campo mais complexo e amplo. A memória, então está presente nos documentos, monumentos, rituais, museus, arquivos, e enquanto fenômeno sócio-psíquico está presente nas experiências e nos afetos (SANTOS 2003).

A partir da década de 70, cientistas sociais procuraram resolver as antinomias entre indivíduo e sociedade através de sínteses teóricas que integravam práticas a estruturas sociais, bem como através de abordagens compreensivas que tratavam as memórias coletivas como textos simbólicos a serem interpretados. Memórias passaram a ser compreendidas a partir de estruturas coletivas, processos interativos, práticas reflexivas e construções sociais, sem que estas perspectivas teóricas fossem consideradas excludentes. (SANTOS, 2003, p. 23)

A conceituação de memória parece recusar a limitação de campos restritos, transpondo-os enquanto objeto, sujeito e campo de conhecimento de qualquer ciência. Estudá-la é antes entender que ela possui um caráter multifacetado e está inserida em campos diferenciados, como o da linguagem, da cultura, da sociedade e da afetividade.

### 3.2 CARTAS COMO DOCUMENTOS DE ARQUIVO

Os arquivos, bibliotecas, museus e os centros de documentação podem ser entendidos como lugares que evocam as memórias individuais e coletivas de uma pessoa física ou jurídica. Entretanto, os arquivos pessoais são compreendidos como territórios de várias narrativas memorialísticas, que expressam a trajetória da vida de uma pessoa ou de uma organização, chegando estas ações da vida privada em

algum momento a adentrarem na esfera pública, tornando confusas as ações de aquisição e tratamento arquivístico dos arquivos pessoais porque remetem a dicotomia entre o direito a propriedade e a intimidade entrando em confronto com o direito público a informação.

Assim, podemos afirmar que o arquivo pessoal passa por duas fases, uma que se refere ao período que o titular do arquivo está vivo, e utiliza a documentação tanto para suas atividades sociais, como para a seu trabalho, e a outra que se refere ao período em que a documentação passa a ser objeto de pesquisa para os pesquisadores. É importante ressaltar que o literato acumula documentos relativos à sua vida pessoal e pública. Pode se pensar, em um primeiro contato com este arquivo, que sua organização será simples quando comparada com arquivos jurídicos ou de instituições públicas, por exemplo, entretanto, o arquivo pessoal é composto por vários tipos documentais e a complexidade de atividades e as funções realizadas pelo sujeito durante a sua existência exige um esforço maior no trabalho intelectual de arranjo da documentação.

Por conterem informações importantes para a construção da história do país, alguns arquivos pessoais podem ser declarados como “de interesse público e social”. É o que aborda a Lei dos Arquivos (8.159/91), que dedica um capítulo aos arquivos privados, e a Resolução nº 17 do CONARQ, que trata sobre os procedimentos relativos à declaração que se destina a esses tipos de documentos.

Devido as suas características, as missivas correspondem um conjunto complexo quando consideradas como documentos de arquivo, pois são compostas de vários elementos e para a Arquivologia, organizar esses elementos é um trabalho que pode denotar desde uma simples organização estrutural (cartas recebidas e expedidas, por exemplo), até a tentativa de modificar seus temas em unidades de classificação, seja por assunto, pessoas envolvidas nas missivas, sentido cronológico.

O homem então decide por acumular seus documentos pessoais que institui uma relação com as atividades que o circundam, seja ela política, científica ou social. Dentro disso, podemos alocar as cartas dentro da conceituação de arquivos pessoais por apresentarem informações que envolvem seu titular e sua ligação com o mundo. Sendo assim, as experiências individuais estabelecem relação com experiências coletivas, e a memória pessoal associa-se diretamente a dimensões da memória social.

Dessa forma, como elucida Marques (2003, p. 18) estaremos mais aparelhados para lidar com a heterogeneidade dos materiais que compõem os acervos literários, como manuscritos, livros, revistas, fotos, correspondências, cartazes, obras de artes, vídeos, objetos pessoais, mobiliário, etc., dotando-os de um caráter híbrido, uma mistura de arquivos documentais, de museu e biblioteca. Assim, poderemos estar mais preparados para analisar a multiplicidade de discursos, seja ele, teórico, histórico, crítico, ficcional, memorialístico, biográfico, autobiográfico ou epistolar, que tais acervos mobilizam e cujos limites aparecem cada vez mais tênues, propiciando contaminações de uns pelos outros.

Nessa direção, conforme afirma Marques (2003, p. 149) compreendemos que os documentos de arquivo pessoal tende a ultrapassar o domínio do privado, ganhando assim a cena pública e promovendo atenção de pesquisadores, que deverão cuidar da memória do literato, preservando sua obra e vivendo uma memória vicária.

### 3.3 CARTAS COMO LUGARES DE MEMÓRIA

O historiador Pierre Nora conceituou lugares de memória como:

Locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoais, familiares e de grupo: monumentos, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem constituir-se em “lugares de memória”, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “identifica”, mesmo que de maneira fragmentada. (NORA *apud* HORTA, 2008: 111).

Estes lugares de memória configuram-se como elementos de “pertencimento” de um grupo social, e envolvem objetos, um sabor característico, símbolos, tradições orais. Deste modo, as cartas são lugares de memória por trazer na sua constituição a cristalização da memória dos missivistas. Os ditos “lugares de memória” expressam a aspiração de se retornar a particularidades que definem os grupos, seu sentimento de auto reconhecimento e de pertença.

Nora (1993) então procura refletir sobre a necessidade de resolver a problemática da fragmentação da identidade dos grupos sociais e, para isso, aponta lugares para guarda dessa memória, como arquivos, bibliotecas, museus como

espaços de memória legitimados para preservação da memória coletiva e individual, bem como dar condições de acessibilidade para os pesquisadores. Na sua obra, Nora apresenta e diferencia dois tipos de memória: uma tradicional (imediate) e uma memória transformada por sua passagem em história. Assim, Nora (1993) acredita que à medida que a memória tradicional desaparece, as pessoas se sentem obrigadas a acumular vestígios, que se transformam em testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis e concretos do que se foi.

Em relação aos bens materiais e imateriais que constituem a memória social, política ou pessoal, podemos questionar o que finalmente seria patrimônio cultural brasileiro e os seus bens de natureza material e imaterial?

De acordo com o art. 216 da Constituição Federal de 1988, constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Sendo assim, nosso objeto (as missivas) constitui inegável patrimônio cultural. À medida que escrevemos, alimentamos informações em um dado suporte, e ao cultuarmos a memória a partir desse prisma externo (que transcende o suporte físico) constituímos um patrimônio afetivo de um grupo, visto que isso faz parte do próprio conceito de identidade.

Percebe-se a preocupação dos autores com esse dito “lugar de memória”, em uma passagem Freyre mostra-se bastante preocupado pelo desaparecimento de uma carta, como escreve no dia 19 de Novembro de 1924: “Apareceu alguma das minhas cartas? Onde estarão ellas? De você, há muito que não tenho noticias.”, bem como a alegria e sutileza em se escrever cartas, e até mesmo dos elementos que utilizaram para confecção destas. (Na carta datada de 5 de Setembro de 1927, Freyre comenta que a tinta que utiliza para escrever a carta é muito boa.)

Como Pollack (1992) discorre, a memória é um elemento que integra o sentido da identidade. Quando dialogamos sobre lembranças, articulamos sobre coisas herdadas, grupos que pertencemos. Então falamos de coisas as quais nos inserimos e em que nos enquadrados Cada vez que analisamos as cartas temos um olhar diferente sob o objeto, ou seja, as interpretações são múltiplas, além de outras facetas que podem ser trabalhadas. Como afirma Mario de Andrade em carta a

Milliet<sup>3</sup>, em 1940: “E as memórias em carta têm um valor de veracidade maior que o das memórias guardadas em segredo para revelação secular futura. É que o amigo que recebe a carta pode controlar os casos e almas contadas”, evidencia-se assim a importância em se conservar as informações contidas em documentos pessoais, a fim de se preservar uma memória particular e repleta de afetos e de discursos de amizade. É necessário cautela na interpretação que o pesquisador dará a esses diálogos, pois como sugere Matildes Demétrio dos Santos (1994) penetrar na intimidade das cartas alheias é esbarrar permanentemente no inesperado.

## 4 PRINCÍPIO DA RECIPROCIDADE

### 4.1 TEORIA DE MARCEL MAUSS

O Ensaio sobre a Dádiva, principal obra de Marcel Mauss, é um marco no desenvolvimento da sociologia durkheimiana. A interpretação do autor para a dádiva é que o doador deveria recuperar seu *mana*, ou seja, sua integridade espiritual:

Se coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros (MAUSS, 2003, p. 263).

O *mana* expressado anteriormente é compreendido como o sentido criado pelo homem a partir do momento que se insere numa relação recíproca. De acordo com Mauss (2003), o *mana* é o valor da reciprocidade, o verbo (palavra) que circula, e a sua razão ao universo. De acordo com Temple; Chabal (1995), Mauss procura uma palavra indígena para explicar que os indígenas fazem referência a um motor de prestações econômicas distintas do interesse. Para tal, adota o nome polinésico de *mana*.

De acordo com o autor, as dádivas são recíprocas e devem ser retribuídas, entretanto a obrigação de retribuir acaba por desmentir a gratuidade das dádivas, ela estaria apenas ocultando uma troca interessada. Tão próximo da ideologia do

---

<sup>3</sup> Sérgio Milliet da Costa e Silva (São Paulo, 20 de setembro de 1898 — São Paulo, 9 de novembro de 1966) foi um escritor, pintor, poeta, ensaísta, crítico de arte e de literatura, sociólogo e tradutor brasileiro. Foi também diretor de biblioteca, tendo dirigido a Biblioteca Mário de Andrade.

altruísmo, a ação de oferecer, como nos mostra Mauss, não é um ato desinteressado, e sim algo simultaneamente útil e simbólico.

O estudo de Mauss mostra que fatos, incluindo tanto a prática de troca como a reflexão sobre ela nos diferentes campos das civilizações nos mostram que trocar é combinar almas, permitindo assim, a comunicação entre os homens, a sociabilidade e a subjetividade intrínseca nas relações interpessoais.

Exemplo disso, encontramos na carta datada no dia 4 de Junho e 1927 onde Gilberto Freyre afirma que “Há muito que não lhe escrevo (a última carta que havia enviado foi em 27 de Abril do mesmo ano)- e por outro lado já faz um tempo que não recebo carta sua.” Parecendo assim, fundamentar o princípio de Mauss.

Mauss chega então, a uma conclusão: as dádivas sempre vão e voltam, definindo e definidas por um circuito de relações sociais.

Pouco importa seu valor, pouco importa sua natureza; podem ser idênticas ou não; o importante é que recorram caminhos inversos ou simétricos, que elas se reproduzam como num espelho; e esta reflexão é o motor oculto dos seus movimentos, inclusive quando são aparentemente livres e gratuitas (TEMPLE; CHABAL, 1995, p. 73).

Assim sendo, a reciprocidade sugere uma preocupação pelo outro, não se podendo ficar indiferente a este, alheio as suas condições de existência. Essa preocupação configura-se como uma proteção, cuidado e atenção para com o ente donatário (ou seja, aquele que doa).

#### 4.2 A INTENÇÃO EM SE INTERCAMBIAR CARTAS

No trecho, “Há tanto tempo sem carta sua - foi uma surpresa deliciosa a que recebi hoje.” (Carta à Lins, enviada por Freyre em 14 de Março de 1924), percebemos a alegria de Freyre ao receber uma carta enviada por Lins, depois de um longo período sem notícias do amigo. A última carta enviada por Lins está datada em 17 de Dezembro de 1924. Neste contexto, podemos entender a necessidade e a intencionalidade em se enviar e em receber cartas. Quando o autor escreve, estabelece comunicação e pode vir a criar vínculos. No caso do nosso objeto de estudo, percebemos que a amizade entre os autores veio solidificar-se a partir das trocas epistolares. Sabe-se que Lins conheceu Freyre de forma espontânea e simples, como afirma em entrevista a Francisco de Assis Barbosa, em

18 de Dezembro de 1941 onde relata: “Gilberto descia a Rua Nova. Eu já o conhecia de vista. Disse-lhe apenas: ‘Chamo-me José Lins do Rêgo.’ E apertei-lhe a mão. Desde então ficamos amigos. Até hoje.”

Assim, compreendemos que existe a necessidade e a preocupação dos autores em se corresponderem com o intuito de não perderem o vínculo que os unem. A amizade que existia entre os amigos era singular e rara por apresentar cumplicidade, afeto e admiração. Como discorre Gilberto Freyre (1978)

Nunca ninguém foi mais meu amigo. Nunca ninguém, sendo do meu sexo, mas não do meu sangue, me deu mais compreensão e mais afeto. Compreensão e afeto nos momentos mais difíceis para uma amizade no Brasil: país de muitas camaradagens fáceis, mas de raras amizades profundas.

Notamos nesse trecho o forte afeto que o amigo tinha por Lins e o quanto sua perda foi dolorosa para ele. Assim sendo, através das trocas epistolares a memória vai sendo tecida e se eternizando, sob a forma de um emaranhado de fios tênues, mas também fortalecendo a amizade que os unia, como também as trocas de conhecimento, informações e conselhos.

Como afirma Cardoso (1995) existe um tipo de amizade compreendido como as amizades propriamente ditas, a amizade comum, o companheirismo, a camaradagem. Através da leitura das cartas dos missivistas, podemos compreender que a amizade construída por eles surgiu sem interesses econômicos, sociais ou políticos.

As cartas eram um meio de comunicação importante e proporcionava diálogos entre os autores, bem como discussão sobre seus escritos literários. As missivas serviam como meio pelo qual os escritores, além de trocarem informações cotidianas e íntimas, comentários e descrições literárias sobre a obra um do outro, o faziam em um ambiente de descontração e grande afeição.

## **5 ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL NOS ACERVOS**

### **5.1 NA FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE**

Os documentos na Fundação Gilberto Freyre (Em Recife-PE) estão organizados em oito séries documentais. Nosso recorte deu-se na série correspondência, que representa o maior volume de documentação do Arquivo Documental. Reunindo a correspondência trocada entre o escritor Gilberto Freyre e diversas personalidades da área política, cultural e social do Brasil e do exterior, a série é constituída por cartas, telegramas, cartões-postais e cartões pessoais, e está subdividida em Correspondentes Brasileiros, Correspondentes Portugueses e Correspondentes Estrangeiros.

As cartas trocadas entre o escritor e José Lins estão catalogadas, digitalizadas e indexadas no período de 1924 / 1942. São 124 cartas que apresentam bom estado de conservação, boa higienização e estão organizadas visando facilitar um rápido acesso a informação.

A Fundação Gilberto Freyre reúne informações que servem como material de estudo para pesquisadores dando proeminência á construção e solidificação da memória individual e coletiva. Dessa forma, todas as informações produzidas e recebidas por Freyre, bem como as informações que fazem referência a ele, vão sendo conservadas e designadas a um legado permanente.

## 5.2 NO MUSEU JOSÉ LINS DO RÊGO

O acervo documental de José Lins é composto por 116 documentos, separados por três décadas: 1920, 1930 e 1940, existindo apenas um cartão da década de 1950. As primeiras cartas de Gilberto Freyre direcionadas ao amigo são de 1924, depois da saída de José Lins do Rego do Recife, de volta à capital paraibana, cessando, dessa maneira, a convivência diária entre ambos, que teve início em 1923, quando se conheceram.

Todas as missivas foram higienizadas, indexadas e organizadas em duas pastas capa dura com folhas de plástico, a organização foi feita de forma cronológica. Todo esse trabalho foi realizado em 1997, através do projeto intitulado “Ateliê de José Lins do Rego”, coordenado por Sônia Maria Van Dijck Lima e tendo patrocínio do CNPq, sendo o quarto volume de uma série que tem como objetivo a classificação e ordenação do acervo pessoal e intelectual do escritor.

Observou-se que atualmente as cartas não recebem tratamento que visem a sua preservação documental, ficando dispostas no acervo sem refrigeração e



iluminação ideal. É importante ressaltar que o espaço físico não é adequado, pois o museu está localizado no subsolo do Espaço Cultural da Paraíba. Assim, o edifício deve ser planejado ou adaptado, antevendo-se os trabalhos relacionados com recolhimento, organização, arranjo, guarda, preservação e segurança do acervo, bem como atividades de pesquisa, educativas e culturais.

A gestora da instituição Maria Arminda M. Guimarães relata que existe a idéia de digitalização das cartas presentes no arquivo, facilitando assim uma mais rápida e maior acessibilidade por parte dos usuários, no entanto, a Fundação Espaço Cultural (João Pessoa-PB) não dispõe de fundos orçamentários para o processo de digitalização.

## **6 ASPECTOS DE UMA AMIZADE: AS OBRAS LITERÁRIAS E A AFETIVIDADE NO TEXTO EPISTOLAR**

A amizade no entendimento de Hannah Arendt <sup>4</sup> é respeito, interesse pela opinião do amigo, apreço pela opinião do outro, vive-se assim, uma relação onde os indivíduos estabelecem uma experiência de ser visitado pelo outro, implicando assim a dimensão afetiva do acolhimento e respeito mútuo em sua alteridade, permitindo aos amigos a condição de igualdade, podendo demonstrar quem realmente são.

O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão – em que se vê o mundo (como se diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro – é o tipo de insight político por excelência. (Arendt, 1993, p. 99).

Assim, entendemos com a autora que as relações de amizade transpassa a aceitação afetiva e entra em um *locus* político, podendo irromper em qualquer espaço. Pensamos na amizade como um ambiente de sociabilidade que ultrapassa as relações familiares e de parentesco, podendo ser um espaço político para se pensar as questões relativas às negociações entre os pares.

---

<sup>4</sup> Hannah Arendt, nascida como Johanna Arendt, (Linden-Limmer, hoje bairro de Hanôver, Alemanha, 14 de outubro de 1906 – Nova Iorque, Estados Unidos, 4 de dezembro de 1975) foi uma filósofa política alemã de origem judaica, uma das mais influentes do século XX.

Durante a leitura das cartas percebemos que os amigos frequentemente recorriam à ajuda para leitura e crítica dos esboços da produção literária de ambos. No ano de 1924 encontramos três referências a artigos que Lins escrevia, o primeiro encontra-se na carta datada em 29 de Maio, do Recife, no qual encontramos: “Você está escrevendo sobre a fonte perto do Seminário? É um assumpto interessante a investigar. Escreva um artigo com a photographia ou o desenho.” Nesse primeiro momento, encontramos perguntas sobre artigos que o amigo escrevia e cobrava para que o amigo investigasse sobre tal assunto.

Na carta do dia 06 de junho do mesmo ano, Freyre refere-se a outros artigos, além de tecer comentários sobre um texto de Carlos Dias Fernandes<sup>5</sup>, onde afirma:

Recebi sua segunda carta e os retalhos de jornal: seu artigo e o de C.D. Fernandes! É um artigo, o dele, lamentavelmente inferior. Dá piedade anatoleana. Você não o deve combater. Seu artigo é um dos melhores que v. tem escripto. Tem deliciosos flagrantes (como a passagem sobre De Garo) e passagens incisivas. Mostrou-me o Pedrosa da livraria o n° de Terra do Sol com seu artigo sobre a Faculdade. Está bom.

Em 1924 Lins encaminha uma carta para Freyre informando que havia escrito para a Revista Era Nova e encaminhando as notas do artigo, afirmando que na escrita tinha muito de Freyre e de suas ideias. Observamos assim, que Lins tinha por Freyre mais do que amizade, mas inspiração e admiração pela obra do amigo.

No trecho extraído da carta de 14 de junho de 1924, GF declara: “E recebi o n° da Era Nova com seu artigo que é brilhante. Tem reparos muito felizes. Cuidado com o abuso do pittoresco.” Observa-se, nesses relatos a preocupação de GF com a produção literária do amigo. Ao mesmo tempo, encontramos nos trechos transcritos sugestões e opiniões e elogios sobre o amigo. Noutro instante, no mesmo ano, Freyre elogia:

Você vae revelando possuir esse difficil sentido do pittoresco e mais que elle: o da belleza. Aliás, varias vezes surpreendi em você, desde os nossos primeiros contatos, reações muito vivas e prazeres estheticos: raros tenho encontrado duma plasticidade a esses prazeres igual a sua. E você vae revelando o senso das belezas espirituaes, pela via esthetica. Sinto em você influências minhas, não

---

<sup>5</sup> Carlos Dias Fernandes (1874-1942). Foi um advogado, jornalista, crítico literário, romancista e poeta. Dirigiu o jornal A UNIÃO (Paraíba) a partir de 1913.

por macaqueação, mas por plastização, conservando Você certo sabor selvagem de temperamento. Admirando-o e amando-o a mim mesmo, pelo que encontro em Você de mim. Eu não o esqueci meu caro, pois o contacto com sua desorientada juventude veio em dias muito ruins para mim: de muito amargor. Alguns artigos meus tenho escripto pensando em Você e em raros como Você...

O texto transcrito acima é rico em sugestões e nos aponta para parte das motivações afetivas que mobiliavam a ambos. A amizade, tema que é trabalhado por Foucault no curso *A hermenêutica do sujeito*, é compreendida como a relação com os outros e o cuidado com eles. Ao analisar a concepção antiga de amizade, Foucault (2004, p. 240) afirma que “Todo homem que tem realmente cuidado de si deve fazer amigos”, podemos assim, pensar a amizade como um ambiente de sociabilidade que transcende as relações familiares, prevalecendo assim imagens de proximidade, fraternidade e afetividade. Como afirma Ortega (1999) falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização. Assim, Ortega destaca o quanto a amizade como elemento transgressor interessa a Foucault, mais do que a função compensatória da amizade, esta vai representar um jogo estratégico, em que se deve agir com o mínimo domínio.

No dia 30 de setembro de 1924, José Lins encaminha uma carta, da Paraíba, comunicando a Freyre sobre seu casamento, além de informar ao amigo sobre a construção de um ensaio sobre o pernambucano, onde conta:

Casei no dia 21 de setembro, como lhe mandei dizer.[...] Estou ainda em experiência. Tenho lido muita coisa. Eu quero por todo este ano escrever o meu ensaio sobre você. Tenho por este trabalho toda uma volúpia de passar uma vida inteira trabalhando nele. Porque se existe escravatura mental eu sou um seu escravo. Tenho por você uma arrebatamento a que Deus há de dar bastante espírito para não disover-se em ridículo.[...] Estou me preparando para tomar conta do Engenho. Para o ano serei finalmente senhor de engenho.

No dia 4 de Agosto de 1927, Freyre critica esse estudo, principalmente seu título e no dia 22 de setembro de 1930, pede a José Lins para que ele não publique essa biografia, onde afirma: “Uma coisa que tenho para lhe dizer é que aqui começa a se saber da sua biographia adiantando-se até que V. está a publica-la. Por favor não faça isso eu lhe peço.”

A análise das cartas deu-se sob a perspectiva de aprofundar a investigação dos limites de uma realidade vivenciada pelos interlocutores das missivas, sendo assim, a memória existente nas cartas, vai se configurar como um elemento que

permite retratar a vida privada e pessoal dos missivistas, trazendo elementos que se constituem como norteadores do seu cotidiano, relações interpessoais e muitas das vezes, desabafo sobre questões que o circundam, como encontramos no trecho presente na carta datada em 31 de março de 1927 em que Freyre afirma:

Eu hoje já não me correspondo com quase ninguém, tenho deixado que a distancia va empalidecendo muita amizade feita por este mundo afora, onde tenho deixado alguma coisa de mim- pois sou, com todo esforço em contrario, um mutilado. Si pareço inteiro, é a custa de recomposições de bonacha. Mas isso para dizer o seguinte: que estimaria que também a sua amizade não fosse embora da minha vida, so por umas miseráveis léguas de um estadozinho do Brasil a outro. (...) – falta V., sua companhia, sua conversa- sem V. o Recife sempre me parece incompleto.

É necessário entender que em um canal de amizade não se está presente apenas benevolências e amabilidades integrais. Escuta-se, acolhe-se, confia-se, apazígua-se as inquietações, porém também se almeja rigor e seriedade na alocação sobre o outro. Nietzsche (2003) prefere ter, no amigo, seu melhor oponente. Ainda de acordo com Montaigne (1996, p. 182): “Na amizade a que me refiro, as almas entrosam-se e confundem em uma alma, tão unidas uma à outra que não se distinguem, não se lhes percebendo sequer a linha de demarcação”.

Sobre a construção literária dos amigos, encontramos em diversas missivas pedido de sugestões e críticas sobre o trabalho dos missivistas. Em 1933 José Lins do Rêgo escreve a Gilberto Freyre a respeito de um livro em que Lins diz ter se inspirado em um projeto de Freyre sobre uma reconstituição da vida de menino no Brasil entre os engenhos e as cidades. Lins então escreve:

Saiu o livro [Menino de engenho] que me trouxe uma série de aborrecimentos. [...] Se não fosse o desenho de Bandeira, que é bem sugestivo, a edição de obrinha não chegaria aos pés dos Marçais. Em todo caso fui duramente castigado. Falo muito dos outros e para língua comprida nada como um dia atrás do outro. [...] Você me desculpe ter posto o seu nome na dedicatória do livro. [...]<sup>6</sup>

Quando se arquiva correspondências de amigos que falam sobre seus textos, o escritor resguarda uma fonte inexaurível de informações que auxiliam a compreender a criação e recepção inicial da sua obra, dessa maneira nesse trecho

---

<sup>6</sup> Desta carta se omitem trechos cuja publicação seria ainda, segundo amigos do autor, inconvenientes.

nos remetemos a um momento importante para Lins, o lançamento de *Menino de engenho*, primeiro livro do autor, trazendo elementos que o consagraram na literatura Brasileira.

Em um trecho de uma carta de 29 de novembro de 1938, Gilberto Freyre comenta três livros de José Lins: *Pedra Bonita*, *Moleque Ricardo* e *Banguê*. Antes, convêm transcrever um trecho escrita em 15 de Janeiro de 1937, onde questionado sobre o andamento do romance *Pedra Bonita*, JLR responde a Freyre: “Não estou escrevendo *Pedra Bonita*. Mas um romance que passa numa estação de estrada de ferro ahi. Chama-se “Pureza” que é o nome da estação. Vamos ver o que sae.”

Ao receber o romance *Pedra Bonita*, GF responde a missiva de Lins, entretanto o comentário presente nesta carta tem uma conotação diferente das outras, uma vez que, de forma singular, Freyre discorre sobre a produção literária de José Lins de forma mais profunda, como segue no trecho abaixo, datado em 29 de Novembro de 1938:

E.V.?- Gastão já lhe deve ter dado minha impressão do *Pedra Bonita* que acho bom, mas não dos seus romances mais fortes- Acima do *Moleque Ricardo*, ou isto, mas não no nível de *Banguê*- para falar no mais romance dos outros. Si eu fosse V. não me deixaria levar por essa historia de fecundidade e me concentraria para produção mais demorada de um romance onde não houvesse repetição ou até mechanização de efeitos, motivos, etc.

Nessa partícula, encontramos a opinião sincera e direta de Freyre sobre uma obra do autor, que seria boa, mas não a melhor. Nota-se que ao escrever para o amigo, Freyre fornece argumentos plausíveis sobre a construção da obra, demonstrando seu ponto de vista, argumentando sobre o romance, porém deixando para o paraibano a decisão final sobre a sua obra.

Durante a década de 1940, encontramos um trecho, numa missiva escrita por Freyre, que faz referência ao prefácio escrito por Lins para o livro *Região e tradição*, da autoria de Freyre, publicado em 1941. Na carta de 3 de junho de 1940, Recife, temos: “O Região e Tradição que v. vae prefaciá está prompto para editar(…)”

Frequentemente esse prefácio é mencionado por estudiosos de Lins, especialmente quando discorrem sobre a relação de amizade com Freyre. Nesse prefácio Lins recorda o início da amizade com o pernambucano, como afirma:

Para mim, tivera começo naquela tarde de nosso encontro a minha existência literária. O que eu havia lido até aquele dia? Quase nada. Talvez que nem um livro sério do princípio até o fim. (...) E Gilberto Freyre pediu-me para ler os meus retalhos de jornal. Leu as crônicas, os contos, e criticou-os, falando-me de alguns com interesse. Havia, nos meus modos de dizer, qualquer coisa que o interessava. E a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições. (...) É assim Gilberto Freyre. É o revelador de vocações, o animador. Posso dizer sem medo que a ele devo os meus romances, ao seu constante e benéfico convívio o ânimo para não parar, não desistir.

Dessa forma, observamos que a questão da afetividade se entrelaçava com questões literárias e a partir do momento em que se conhecem, a vida literária de José Lins toma um novo rumo, repleto de significados e de novas leituras. Segundo Arendt (1993, 2001), essa condição de “abertura aos outros” que possibilita ver o mundo a partir de um deslocamento de posição, em que ver o mundo no lugar do outro é a qualidade essencialmente política da amizade. Segundo Bauman (2004) o humanitarismo que se compreende no discurso da amizade era chamado pelos gregos de filantropia, o ‘amor do homem’, já que se revelar na prontidão em partilhar o mundo com outros homens.

Em 15 de Setembro de 1957, Freyre escreve no Diário de Pernambuco: “Sei que influi e muito sobre ele; e ninguém o confessou mais insistentemente do que o próprio José Lins em palavras, em cartas íntimas, em artigos; o que se disser em contrário será vã ou inócua tolice”.

Observamos trechos que demarca a grande amizade existente entre os amigos, em ocasiões distintas, como o de descontração, desabafos, saudade ou de decepções, principalmente em relação aos amigos em comum. Dentro das referências em que a boa amizade aflora na lembrança de José Lins do Rego, encontramos depoimentos sinceros e afetuosos sobre a interferência do amigo sob sua vida. Na carta de 30 de Setembro de 1924, publicada por Freyre em seu *Vida, forma e cor* e em *Alhos e bugalhos* ele afirma: “Porque se existe escravatura mental eu sou um seu escravo. Tenho por você um arrebatamento a que Deus há de dar bastante espírito para não dissolver-se em ridículo.” (Atualizado por Freyre)

É importante ressaltar que no período em que a carta foi escrita GF ainda não havia escrito *Casa-grande e Senzala*. Nesse momento, os amigos eram apenas jovens de 20 e poucos anos.

Em uma carta datada de 1925, da Paraíba, JLR volta a tratar do início da amizade afirmando que tem muito do amigo durante as lições de inglês e reafirma: “Daqueles dias de esquisito sabor para minha memória em que começamos nossa amizade.” Observamos assim, a melancolia e o saudosismo que estavam presentes nas missivas dos amigos.

A transferência de José Lins do Rego de Alagoas para o Rio de Janeiro trouxe a tona, novamente a condição dos amigos ficarem separados fisicamente, como Freyre afirma num documento sem data [1935], do Recife onde afirma:

Meu querido Lins, Recebi sua carta com a noticia de que V. vae mesmo embora para o Rio. Deu-me uma grande tristesa- aliás, sem razão, porque V. em Alagôas é o mesmo que V. no Rio em certo sentido, ainda mais distante e separado. Infelizmente não se pôde realizar o desejo, mais meu do que seu de, chegarmos a morar no mesmo Recife, como naqueles *dois ou tres anos* que passaram tão depressa, deixando tanta saudade. A vida é assim, como diz a cantiga carioca.

Nesse relato, observamos novamente o dilema da distância e da separação dos amigos, além de demonstrar o desejo de Freyre de que o amigo volte a morar em Recife. Há situações em que Freyre cobra do amigo uma visita à cidade de Recife, como na carta datada em 27 de Janeiro de 1934 onde pergunta se JLR viria com Naná passar o carnaval. Conforme segue: “V. e Nana veem ou não passar aqui o carnaval? O caboclo [Olívio] está a espera e caboclo desapontado é um perigo. Olhe a facada, cuidado. Eu e o caboclo estamos sempre nos lembrando dos dias tão bons, que passamos ahi. (...)”

Em 1938, da cidade do Rio de Janeiro, Lins escreve a Freyre, onde podemos notar um pouco do seu exagero e do lado hipocondríaco do paraibano:

(...) Faltando você como pode aguentar a vida este seu fraco amigo?(...) Não sei se é velhice mas me sinto sem entusiasmo algum. (...) Mas, sem você, como poderei resistir aos meus desesperos? Você ainda é nos meus momentos de agonia a imagem que me chega.(...)Sem o grande amigo, a minha vida vira em nada. Escreva-me.”

Como resposta a carta do amigo, Freyre afirma, em 18 de Janeiro de 1938, na cidade do Recife:

Meu querido Lins, era para lhe ter escripto antes, logo que cheguei, com a lembrança ainda quente dos dias deliciosos que passamos juntos, as manhas de praia, as conversas. Quasi como nos velhos dias de nossa amizade, quando começou, quando fomos juntos aos engenhos da Parahyba. Sem ser por simples cortesia, quero lhe agradecer muito, a V. e Nana, a bôa hospitalidade.

No ano de 1940, ainda no Rio, Lins escreve para Gilberto falando da importância do amigo em sua vida em tom triste e desinteressado pela vida, ele afirma : “(...) O seu amigo anda aborrecido, tão sem interesse por coisa nenhuma que até do meu querido Gilberto me esqueci. Esqueci porque me esqueci de tudo, até de mim mesmo.”

Depois de um período sem Lins escrever para o sociólogo, o paraibano encaminha uma missiva, em 1952 onde temos:

Há tempo que não lhe escrevo. Quando recebi seu bilhete com as felicitações me vieram lágrimas aos olhos e eu me lembrei de toda nossa vida, dos grandes dias da nossa vida. Tudo me pareceu tão próximo que me senti mais moço. Mas tudo ilusão.(...) Em todo o caso ainda me restam as saudades de tempos que foram a bela época da minha vida. Aqui estamos, meu caro Gilberto, mais amigos e mais seguros dos que são os nossos verdadeiros amigos.

Em *alhos e bugalhos*, Freyre fala sobre a relação que uniu os dois amigos de forma sólida e intensa. No ensaio intitulado: “José Lins do Rego e eu: qual dos dois influenciou sobre o outro?”, o pernambucano discorre sobre as implicações da relação de amizade que os unia, na vida e na obra. No texto consta:

Segundo José Lins do Rego, em depoimento através de cartas desassombradas- porque é preciso desassombro para um escritor ou um artista triunfante confessar influência recebida de outro-, eu teria influído decisivamente sobre ele: sobre sua formação literária. Sobre seu pensar, sobre seu sentir(...)São cartas que constam do livro *Vida, forma e cor*(...)

Terá sido tanto quanto ele disse? Suponho que não. Mesmo porque quase ninguém influi sobre o outro sem ser, por sua vez, influenciado por esse outro.

Encontramos assim, um equilíbrio nas colocações de Freyre, elucidando sobre o exagero de Lins ao afirmar que sua vida literária só teve início depois de conhecer o sociólogo. Mais a frente no mesmo escrito, Freyre fala sobre a questão da reciprocidade na amizade dos amigos, enfatizando a ideia de que numa relação



de amizade, os seres se doam de forma tão sutil que passam a ser um. De acordo com o pernambucano:

Creio que o que mais passamos a buscar um no outro, de certa altura em diante, dentro de uma amizade como talvez nunca tenha havido outra igual entre escritores brasileiros, foi essa identificação dos dois eus, através dele u tomando conhecimento de escritores brasileiros novos, de novas tendências, de novos rumos nas letras e nas artes brasileiras. Reciprocidade, portanto.(...)

Encontramos ainda, situações em que Lins mostra-se bastante irritado com o silêncio de Freyre. No ano de 1935, JLR escreve para GF dizendo: “Por que você não me escreve? Não pode calcular como uma carta sua me faz bem, me dá mais confiança. Vivo tão só, tão sem coragem, que me consolaria com uma carta de você de vez em quando.(...)Não me conformo com seu silêncio.”

Do mesmo modo, Freyre mostra-se bastante irritado com os silêncios de JLR, como afirma na carta de 1º de setembro de 1936:

Eu é que devia estar estranhando e muito o seu silêncio e não V. o meu. Porque os factos são estes: antes de seguir para Europa, na véspera, lhe escrevi duas cartas seguidas, (...) e nada de resposta. Agora vem V. todo queixas. Tem razão? Eu acho que não tem.(...)V. é o primeiro na minha lembrança, nas minhas saudades e na minha amizade mas não lhe escrevi esperando a cada momento sua resposta, esperando encontrá-la no Recife, de volta, já que não tivera uma palavra sua em Lisboa ou Paris.(...)

Percebe-se assim a frustração de ambos ao não obter respostas as cartas escritas. Inclusive, na carta de Freyre para Lins, ele afirma, como forma de desabafo, que durante sua viagem a Europa recebeu missivas de muitos amigos do Recife e do Rio, mas nenhuma sua.

Nesse sentido, podemos afirmar que existe nessa relação, o que Marcel Mauss irá definir como o princípio da reciprocidade, conceito onde não são os indivíduos, mas sim as coletividades que irão manter empenhos de prestações mútuas, mediante os grupos familiares e sociais. Assim, irá se diferenciar as dádivas dos presentes, bens e símbolos de troca utilitarista. A troca epistolar entre Freyre e Lins caracteriza-se pela relação de dar e receber dos missivistas, onde a restituição da dádiva é explanada pela força existente na coisa dada, pelo laço espiritual e pela

questão afetiva. Dessa maneira, ao se escrever uma carta, espera-se que o remetente devolva-a como resposta a dádiva ofertada.

O último encontro dos amigos deu-se em 1956, em Paris. Sobre esse encontro Freyre desabafa:

Meu último encontro com ele foi em Paris: poucos meses antes da sua morte no Rio. E num dia de festa: 14 de julho. Ele, Cícero Dias e eu passamos o dia, e, depois, a noite inteira, até a madrugada do dia seguinte, a conversar e a rir como se fôssemos três colegas esquecidos pelo Tempo. Apenas ele já era um homem ferido de morte sem o saber. Cícero e eu é que o sentimos como se em cada um de nós houvesse, infelizmente, um clínico; e nele, um inconfundível condenado à morte aos olhos dos menos perspicazes dos médicos. Minha última recordação dele é de uma sua risada quase escandalosa, naquela madrugada de Paris. Com essa risada, despediu-se de nós e de Paris. Nunca mais eu o veria" (In: Recordando José Lins do Rego).

A morte de José Lins do Rego trouxe uma grande tristeza para o pernambucano, que sabendo da importância das missivas que tinha sob seu domínio, desabafa:

Tenho do grande amigo, agora morto, muitas cartas que esclarecem alguns desses aspectos. Também respostas a umas perguntas que uma vez lhe dirigi sobre assuntos relacionados às suas idéias e às suas crenças de homem então próximo dos cinquenta anos. É documentação que talvez revele um dia em estudo sobre o escritor brasileiro da minha época que mais intensamente admirei. (www.fgf.org.br)

É por meio desta junção memória, afeto, reciprocidade e lembranças cerzidas com elos de saudade, nostalgia e tristeza com a morte do amigo, que o escritor constitui seu "tapete de vestígios saudosistas" e envolve o leitor, permitindo que este crie imagens que entranham em sua sensibilidade, se enveredando em múltiplas facetas e diferentes leituras das missivas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O arquivista é um "guardião" da memória, cabendo a ele a preservação de documentos que possam vir a contribuir para a reconstrução ou evocação do passado que está presente nesses documentos. Ao lidarmos com a documentação

de caráter pessoal, como as missivas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego adentramos em um espaço que pode ser compreendido como um lugar de memória, pois as missivas trazem na sua constituição a cristalização da memória dos missivistas.

Ao se estudar tais documentações, evocamos recordações, lembranças, desabafos, momentos, descobertas e intimidades que se configuram como prova de uma amizade e de uma memória existente entre os autores, sendo tecida por elementos particulares e moldadas como numa colcha de retalhos, onde memórias distintas se entrecruzam e se completam entre si. A partir das análises das cartas trocadas entre os autores percebe-se que ao organizar as experiências humanas, a memória é compreendida como um elemento fundamental à constituição, armazenamento e disseminação do conhecimento produzido em diferentes tempos e espaços.

Acreditamos, que, por meio dos elementos memória, documentos pessoais, afetividade e reciprocidade, visualizamos a produção de um trabalho relacionado as dimensões memoralísticas existente entre os escritores. Nosso trabalho preocupou-se em compreender a perspectiva da memória a partir da análise do conteúdo informacional existente nas cartas trocadas entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego.

Na realização desse trabalho sob a perspectiva da preservação documental, observamos que as cartas encontram-se em bom estado de conservação, estando dispostas em pastas, que não permitem o contato direto do usuário com o material, evitando a deterioração das missivas. Entretanto, não existe refrigeração do ar e iluminação ideais no acervo visando à conservação do patrimônio. Assim, torna-se necessário a elaboração de uma política de preservação do Museu José Lins do Rego e da Fundação Gilberto Freyre.

Analizamos também que a preocupação com a memória, bem como o estudo e o debate não se encontram presentes na nossa tradição cultural, estando a maioria dos arquivistas hoje, preocupados apenas com a gestão de uma instituição, sem perceber que esta depende diretamente da memória institucional, estando uma se “alimentando” da outra.

Encontramos lacunas que podem ser preenchidas em trabalhos posteriores, como a análise das obras dos autores e o contexto em que foram produzidas, o arquivo iconográfico de José Lins e de Gilberto Freyre: sua constituição e a memória

existente nas fotografias. Além de uma análise completa das cartas trocadas entre os autores, haja vista que neste trabalho nos focamos apenas nas questões relacionadas às possibilidades de uma leitura interdisciplinar, entre arquivologia e sociologia, da afetividade e amizade entre ambos.

Ao final desse percurso analítico, parece se confirmar a ideia de que a preservação da memória contida em um acervo está relacionada diretamente ao valor documental, simbólico e afetivo de uma pessoa física ou jurídica. E esta deve ser uma visão básica a orientar a sociedade, pois sem a informação de um passado, não podemos problematizar e construir um futuro, sem que realizado sobre os diálogos necessários com o espólio informacional herdadas de um imaginário social cristalizado em objetos, coisas e pessoas do passado.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2007.
- ARENDT, H. **A Dignidade da Política**: ensaios e conferências. (3ª ed., H. Martins, Trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
- BAKHTIN, Mikail. “O Discurso no Romance”. In: **Questões de Literatura e de Estética**. A Teoria do Romance. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1972.
- BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. (Medeiros, C. A, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CARDOSO, Sérgio et al. **Paixão da igualdade, paixão da liberdade**: a amizade em Montaigne. Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das letras, 1987.
- COOK, Terry; SCHWARTZ, Joan M. **Arquivos documentos e poder**: a construção da memória moderna. In: Registro Indaiatuba, São Paulo, v. 3, n. 3, jul. 2004.
- CONARQ**. Disponível em  
<<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=68&sid=46>>. Acesso em: 27 out. 2011.
- DANTON G. **Manual de redação científica**. Virtual Books. 2002.
- DUARTE, ZENY. **Preservação de documentos**: métodos e práticas de salvaguarda. 2 ed. Salvador : EDUFBA, 2003. 137 p.
- ERIC S. **Marcel Mauss**: Da dádiva à questão da reciprocidade. RBCS.Vol. 23 número 66 Fevereiro/2008
- FIGUEIREDO Jr., Nestor Pinto de. **Pela mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho**. João Pessoa: Edições Funesc: Idéia, 2000.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- \_\_\_\_\_. **Da amizade como modo de vida** (W. F. Nascimento, Trad.). Entrevista de Foucault a R. De Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux publicada no Jornal Gai Pied, nº. 25, Abril de 1981 (pp. 38-39). Disponível em  
<<http://www.filoesco.unb.br/foucault/amizade>>. Acessado em 03 de Outubro de 2011.
- FREYRE, Gilberto, “José Lins do Rego e eu: qual dos dois influiu sobre o outro?”, *in* **Alhos e Bugalhos**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1978

\_\_\_\_\_. **Recordando José Lins do Rego.** In. COUTINHO, Eduardo F.; CASTRO, Ângela Bezerra de (orgs.). *Fortuna Crítica: José Lins do Rego.* Rio de Janeiro/João Pessoa: Civilização Brasileira/Edições FUNESC, 1991.

\_\_\_\_\_. **Vida, forma e cor.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

GOMES, Ângela de Castro. **A guardiã da memória. Acervo** - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9, n. 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

GOMES, Christianne Luce; AMARAL, Maria Teresa Marques. **Metodologia da pesquisa aplicada ao lazer.** Brasília, DF: SESI, 2005.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. Os lugares da memória. In: SILVA, René Marc da Costa (org.). **Cultura popular e educação.** Brasília, DF: Salto para o futuro, TV Escola, SEED, MEC, 2008. p. 111-118.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

IONTA, Marilda. **A escrita de si como prática de uma literatura menor:** cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. Rev. Estud. Fem. [online]. 2011, vol.19, n.1, pp. 91-102 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100007&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100007&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 12 de out. de 2011

IZQUIERDO, Ivan. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

JARDIM, Antônio. Música, vigência do pensar poético. In: SILVA, Alessandra Garrido Sotero da. **Os caminhos da memória e o inconsciente.** Disponível em: <<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa11/v1/alessandragarrido.html>>. Acesso em: 14 jun. 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1990.

LANNA, Marcos. Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia e Política* [online]. 2000, n.14, pp. 173-194. Acesso em 12 de Abril de 2011.

LAVILLE, Christian & DIONNE, Jean. **A construção do saber:** manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

LIMA, Sônia Maria van Dijck et al. **Meu Caro Lins:** cartas de Olívio Montenegro. João Pessoa: Edições FUNESC. 1994. 61 p.

\_\_\_\_\_. **Retalhos de Amizades**. João Pessoa: Edições FUNESC. 1995. 64 p.

\_\_\_\_\_. **Cartas de Gilberto Freyre**: correspondência passiva de José Lins do Rego. João Pessoa: Edições FUNESC. 1997. 75p.

MARQUES, Heitor Romero; MANFROI, José; CASTILHO, Maria Augusta de; NOAL, Mirian Lange. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. 2. ed. Campo Grande: UCDB, 2006.

MARQUES, Reinaldo. O arquivamento do escritor. In: SOUZA, Eneida M. de; MIRANDA, Wander Melo (org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p.141-156.

\_\_\_\_\_. **O arquivo literário como figura epistemológica**. Matruga. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ano 14, n. 21, p. 13-23. jul./dez. 2007

MEIHY, J. C. S. B. (org). **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTAIGNE, M de. **Ensaio, I: Da amizade**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NICHEL, Bruno Henrique. Amável, prezadíssimo, inesquecível: o imaginário acerca do locutor de rádio nas correspondências femininas. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORA, DIVERSIDADES E DESLOCAMENTOS, 2010, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: UFSC, 2010.p. 3-8.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. São Paulo: Revista Projeto História, 1993.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999

PIRES, Hugo Avelar Cardoso, DE SOUZA Anita Helena Vieira, COSTA Fernanda Samla Souza. Memória e biografia: uma análise da vida de Drummond através de sua obra. In: XII Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência e Gestão da Informação, 2010, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.p. 2-8

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**, Rio de Janeiro: vol. 5, n. 10, 1992.

SAUBORIN, Eric. **Marcel Mauss: Da dádiva à questão da reciprocidade**. RBCS.Vol. 23 número 66 Fevereiro/2008.

SANTOS, Maria Demétrio dos. A correspondência de Mário e a "felicidade" no credo modernista. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**: São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n. 36, 1994, p. 96.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Laboratório de Ensino à Distância da UFSC, 2001.

SOUTO, Geane Luna. Arquivo literário José Lins do Rego: Lugar de memória e de informação. 2010. 92f. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2010.

TEMPLE, Dominique & CHABAL, Mireille. (1995), **La réciprocité et la naissance des valeurs humaines**. Paris, L'Harmattan, *apud* SAUBORIN, Eric. Marcel Mauss: Da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Minas Gerais, v. 23, n.66, p. 132-136, fevereiro. 2008.

VENANCIO, Giselle Martins. Na trama do arquivo: A trajetória de Oliveira Vianna. **Tese** (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

VICENTE, Silvana Moreli. Cartas provincianas: Correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira. 2007. 51f. **Tese** (Doutorado em letras) - Universidade de São Paulo, 2007.

VOLPE, Miriam L. **O roteiro da memória nos grafos da borra do café**. In: Revista IPOTESI, vol.9, 2005. p. 41-48.

**Fundação Gilberto Freyre**. Disponível em <<http://www.fgf.org.br/>>. Acesso em: 10 mai. 2011.

**Museu José Lins do Rêgo**. Disponível em: <[http://funesc.com.br/cultura/index.php?option=com\\_content&view=article&id=67&Itemid=74](http://funesc.com.br/cultura/index.php?option=com_content&view=article&id=67&Itemid=74)>. Acesso em 10 mai. 2011.



## ANEXOS

### Anexo A: Linha do Tempo

DATA	GILBERTO FREYRE	JOSE LINS DO REGO
1923	<ul style="list-style-type: none"> <li>Volta do exterior após estudos.</li> <li>Conhece JLR, com quem convive cerca de um ano no Recife</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhece Freyre. Viajam juntos pelo interior de Pernambuco.</li> <li>Visitam alguns engenhos na Paraíba</li> </ul>
1924	<ul style="list-style-type: none"> <li>Pronuncia na Paraíba a conferência <i>Apologia pro generatione sua</i>.</li> <li>Começa a organizar a edição do <i>Livro do Nordeste</i> comemorativa do centenário do DIÁRIO DE PERNAMBUCO: 1825-1925.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Retorna à Paraíba para casar-se com Philomena Massa.</li> <li>Passa a escrever na revista ERA NOVA</li> <li>Convive com José Américo de Almeida, Antenor Navarro, Carlos Dias Fernandes, Adhemar Vidal, Celso Mariz, entre outros.</li> </ul>
1925	<ul style="list-style-type: none"> <li>Publica no <i>Livro do Nordeste</i> três estudos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>É nomeado Promotor Público de Manhuaçu (MG).</li> </ul>
1926	<ul style="list-style-type: none"> <li>Viaja para os EUA passando pela Bahia e pelo Rio de Janeiro.</li> <li>Conhece alguns nomes importantes do movimento modernista.</li> <li>Organiza, juntamente com Moraes Coutinho o 1º Congresso Regionaxlista do Nordeste.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Transfere-se para Maceió, Alagoas, onde exerce a função de fiscal de bancos.</li> <li>Faz-se amigo de Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Aurélio Buarque de Hollanda, Valdemar Cavalcanti.</li> <li>Passa a colaborar em periódicos locais.</li> </ul>
1927	<ul style="list-style-type: none"> <li>É nomeado Secretário do Governador de Pernambuco, Estácio Coimbra.</li> <li>Dirige o Jornal A PROVÍNCIA até 1930</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Esboça uma tentativa de romance.</li> <li>Faz crítica literária em periódicos locais.</li> </ul>
1929	<ul style="list-style-type: none"> <li>Escreve artigos em jornais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Escreve <i>Menino de engenho</i></li> </ul>
1930	<ul style="list-style-type: none"> <li>Acompanha Estácio Coimbra ao exílio, na Europa, depois de quase um mês na Bahia.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>É demitido de suas funções e logo em seguida readmitido através de José Américo de Almeida.</li> </ul>
1931	<ul style="list-style-type: none"> <li>Segue para os EUA como professor extraordinário da Universidade de Stanford.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Publica artigos no Jornal de Alagoas.</li> </ul>
1932	<ul style="list-style-type: none"> <li>Trabalha no livro <i>Casa-grande &amp; senzala</i>.</li> <li>Conhece Augusto Frederico Schmidt.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Publica <i>Menino de engenho</i></li> </ul>
1933	<ul style="list-style-type: none"> <li>Tem o livro publicado em Dezembro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Publica <i>Doidinho</i>.</li> </ul>
1934	<ul style="list-style-type: none"> <li>Organiza o Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, no Recife.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhece o editor José Olympio.</li> <li>Lança o terceiro romance.</li> </ul>
1935	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ministra curso de sociologia na Faculdade de Direito do Recife e na Escola de Direito da Universidade do Distrito Federal.</li> <li>Publica artigos de jornal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Muda-se para o Rio de Janeiro para exercer funções de Fiscal de Imposto do Consumo.</li> <li>Passa a colaborar em jornais como O GLOBO, DIÁRIOS ASSOCIADOS e JORNAIS DOS ESPORTES.</li> <li>Publica <i>O moleque Ricardo</i>.</li> <li>Relaciona-se com Manuel Bandeira, Prudente de Moraes, Sérgio Buarque de Holanda e outros.</li> </ul>
1936	<ul style="list-style-type: none"> <li>Publica <i>Sobrados e mucambos</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Publica <i>Usina e Histórias da Velha</i></li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja à Europa, onde se demora na França e Portugal.</li> </ul>	<i>Totônia.</i>
1937	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nova viagem à Europa (Portugal e Londres).</li> <li>• Publica <i>Nordeste</i>.</li> <li>• Inicia colaboração no CORREIO DA MANHÃ-RJ</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Pureza</i>.</li> </ul>
1938	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja aos EUA para participar do seminário sobre “Sociologia da história da escravidão”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Pedra Bonita</i>.</li> </ul>
1939	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz viagem ao Rio Grande do Sul com Lins</li> <li>• Publica <i>Açúcar e Olinda</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Riacho doce</i>.</li> </ul>
1940	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ao regressar dos EUA, pronuncia conferência no Gabinete Português de Leitura do Recife: “Uma cultura ameaçada”.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Traduz e publica pela Ed. José Olympio <i>A vida de Eleonora Duse</i>, de E. A. Reinhat.</li> </ul>
1941	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Casa-se com Maria Magdalena Guedes Pereira.</li> <li>• Viaja ao Uruguai, Argentina e Paraguai.</li> <li>• Começa a escrever para o jornal A MANHÃ, Rio de Janeiro.</li> <li>• Inicia colaboração em LA NACIÓN.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Água-mãe</i>, com o qual ganha o Prêmio da Sociedade Felipe de Oliveira.</li> </ul>
1942	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É detido no Recife por publicar um artigo contra atividades de padres jesuítas no Brasil.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Gordos e magros</i>.</li> </ul>
1943	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visita a Bahia a convite de estudantes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Fogo morto e Pedro Américo</i></li> </ul>
1944	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visita alguns estados a convite de lideranças estudantis</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Visita Uruguai e Argentina onde pronuncia conferência sobre literatura brasileira.</li> </ul>
1945	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Milita ao lado de estudantes em discursos proferidos em algumas capitais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Poesia e vida</i>.</li> </ul>
1946	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torna-se Deputado Federal Constituinte pela União Democrática Nacional.</li> <li>• Muda-se para o Rio de Janeiro, onde permanece até o final do mandato.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Conferências do Prata</i>.</li> </ul>
1947	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atua como vice-presidente da Comissão de Educação e Cultura da Câmara.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Eurídice</i>.</li> </ul>
1948	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É publicado seu livro em inglês: <i>Brazil, as interpretation e Inglezes no Brasil</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Torna-se sócio-proprietário do Flamengo em 30 de junho.</li> </ul>
1949	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É escolhido pelo governo brasileiro para representar o país na Assembléia Geral das Nações Unidas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escreve crônicas para alguns periódicos locais como o JORNAL DOS ESPORTES(onde começou em 1945), na seção de “Esporte e Vida.”</li> </ul>
1950	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Quase política</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja à Europa a convite do governo francês.</li> </ul>
1951	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz viagem a Índia, onde esboça a tese do Luso Tropicalismo, no Instituto de Goa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Retorna à Europa como delegado da Confederação Brasileira de Desportos.</li> <li>• Preside a delegação de futebol que vai ao Peru.</li> </ul>
1952	<ul style="list-style-type: none"> <li>• É publicado o <i>Manifesto regionalista de 1926</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Homens, seres e coisas</i> (ensaios), <i>Bota de sete léguas</i> (impressões de viagem).</li> <li>• Inicia a publicação do romance <i>Cangaceiros</i>, em folhetins, na revista O CRUZEIRO.</li> </ul>
1953	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja a Portugal.</li> <li>• Publica <i>Um brasileiro em terras</i></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Cangaceiros</i> em volume.</li> </ul>

	<i>portuguesas e Aventuras e rotina.</i>	
1954	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja para os EUA.</li> <li>• Publica <i>Um estudo do Professor Aderbal Jurema</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja à Europa, conhecendo a Finlândia.</li> </ul>
1955	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Viaja novamente para os EUA, Washington, onde participa do simpósio “A civilização atômica.</li> <li>• Publica <i>Assombrações do Recife velho</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Volta à Europa conhecendo a Grécia</li> <li>• É eleito em 15 de setembro, para a Academia Brasileira de Letras.</li> </ul>
1956	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Profere conferência na Escola de Altos Estudos em Sorbonne.</li> <li>• Em Paris, assiste ao lançamento do livro <i>Nordeste</i>, pela Gallimard.</li> <li>• Publica <i>Problème de changement social em 20 eme siècle</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Faz nova viagem à Europa, onde se demora por três meses na Grécia.</li> <li>• Em 15 de dezembro, toma posse na Academia Brasileira de Letras.</li> <li>• Publica <i>Meus verdes anos</i> (memórias).</li> </ul>
1957	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recebe nos EUA o Prêmio “Anisfield Wolf”, pelo melhor trabalho mundial sobre “relações entre raças”, conferido a 2º ed. Inglesa de <i>Casa-grande &amp; senzala</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica <i>Gregos e Troianos</i>. (impressões de viagens) e <i>Presença do Nordeste na literatura brasileira</i>.</li> <li>• Em 12 de setembro, falece, de cirrose hepática, no Rio de Janeiro.</li> </ul>

Fonte: FIGUEIREDO Jr., Nestor Pinto de. **Pela mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho**. João Pessoa: Edições Funesc: Idéia, 2000.

**Anexo B: Fotografias****Foto 1 :** Gilberto Freyre e José Lins do Rego no Rio de Janeiro em 1936

**Fonte:** [www.bvgf.fgf.org.br](http://www.bvgf.fgf.org.br)

**Foto 2:** Gastão Cruis, José Lins do Rego e Gilberto Freyre, (s/d; s/l)

**Fonte:** [www.bvgf.fgf.org.br](http://www.bvgf.fgf.org.br)

**Foto 3:** Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Antiógenes Chaves e Ivan Seixas, Boa Viagem, Recife - PE. (s/d)



Fonte: [www.bvgf.fgf.org.br](http://www.bvgf.fgf.org.br)

**Foto 4:** Gilberto Freyre e José Lins do Rego em passeio pelo Rio Capibaribe, Recife- PE. Década de 1940

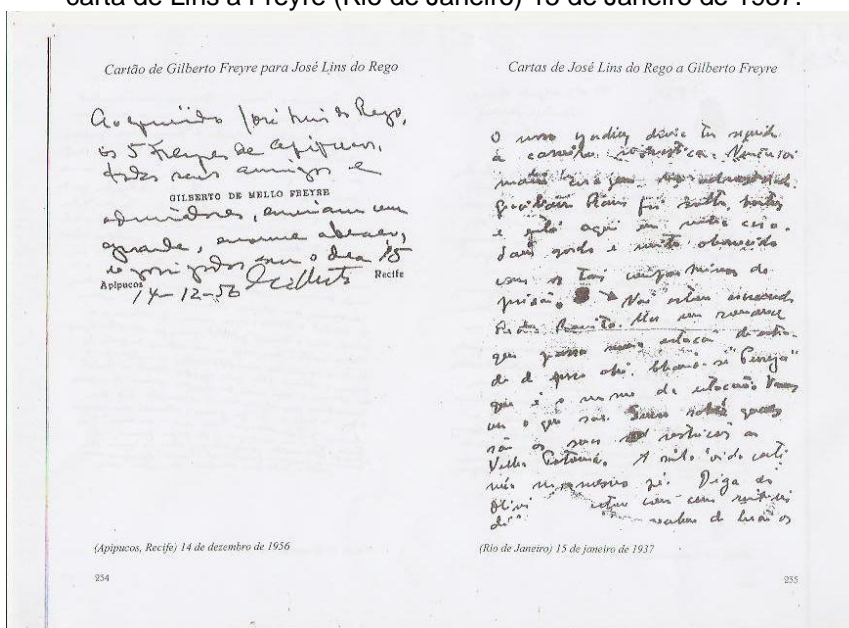


Fonte: [www.bvgf.fgf.org.br](http://www.bvgf.fgf.org.br)





A esquerda: Cartão de Gilberto Freyre a José Lins, Recife- PE, 14 de Dezembro de 1956 e a direita: carta de Lins a Freyre (Rio de Janeiro) 15 de Janeiro de 1937.



Fonte: FIGUEIREDO Jr., Nestor Pinto de. Pela mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho. João Pessoa: Edições Funesc; Idéia, 2000